

Coro e Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti
Andreas Ottensamer



14 + 15 out 22



14 out 22 SEXTA 19:00
15 out 22 SÁBADO 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Andreas Ottensamer Clarinete

Johannes Brahms

Schicksalslied, op. 54

c. 17 min.

Johannes Brahms / Luciano Berio

Sonata para Clarinete n.º 1,
em Fá menor, op. 120 n.º 1
(orquestração de L. Berio)

c. 25 min.

INTERVALO

Pēteris Vasks

Agnus Dei

c. 11 min.

Johannes Brahms

Sinfonia n.º 3, em Fá maior, op. 90

c. 36 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO: 20 min.

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena 1897)

Schicksalslied / Canção do Destino, op. 54

—

COMPOSIÇÃO 1868-71

ESTREIA Karlsruhe, 18 de outubro 1871

Johannes Brahms desenvolveu um estilo musical firmemente arraigado nos modelos e técnicas composicionais barrocos e clássicos, herança que aliou a idiomas folclóricos e de dança coevos, bem como a uma sensibilidade romântica própria, numa abordagem sempre diligente e perfeccionista ao processo criativo. Em 1868, pouco após a estreia de *Ein deutsches Requiem*, o compositor tomou contacto com o poema “Hyperions Schicksalslied”, do romance epistolar *Hyperion*, de Friedrich Hölderlin, iniciando desde logo o trabalho numa nova obra para coro e orquestra, intitulada *Schicksalslied* [Canção do Destino]. Mas a sua gestação seria difícil, devido à indecisão do compositor relativamente ao modo como a deveria concluir, tendo sido terminada já em 1871. Considerada uma das suas principais obras corais, a peça partilha muitas características com o *Requiem* e com a *Rapsódia para contralto*, op. 53, de 1869-70, estabelecendo também um modelo a que o compositor regressaria mais tarde em *Nänie*, op. 82, e *Gesang der Parzen*, op. 89. O poema de Hölderlin compreendia dois momentos, evocando a pacífica estase

característica da condição imortal das divindades e fazendo-a contrastar com a tumultuosa vida dos seres mortais, uma oposição que é amenizada pelo compositor. A obra inicia-se com um sereno prelúdio orquestral, *Adagio*, em Mi bemol maior, no qual a melodia coral é enunciada pelos contraltos e reiterada pelos sopranos sobre as expressivas harmonias construídas pelas restantes vozes, introduzindo desde logo um ambiente evocativo de uma existência espiritual ideal. Segue-se um turbulento *Allegro* em Dó menor, que rompe com uma figuração inquieta nas cordas e com o amargurado lamento entoado pelo coro em uníssono, ambos sugestivos da atormentada condição terrena. Após um breve interlúdio orquestral, que dá lugar a duas curtas secções fugadas, este *Allegro* é recapitulado, agora em Ré menor, encerrando com uma longa pedal sobre Dó que prenuncia o último andamento. O *Adagio* final é um poslúdio puramente orquestral, em Dó maior, que retoma o material da secção inicial, elaborado com uma instrumentação mais rica e no qual Brahms suplanta a terrífica visão de Hölderlin revisitando a esfera celestial.

Johannes Brahms / Luciano Berio

(1833-1897) / (Oneglia, 1925 - Roma, 2003)

Sonata para Clarinete n.º 1, em Fá menor, op. 120 n.º 1

COMPOSIÇÃO 1894 / 1986 (orq.)

ESTREIA (orq. L. Berio): Los Angeles, 6 de novembro 1986

1. *Allegro appassionato*
2. *Andante un poco adagio*
3. *Allegretto grazioso*
4. *Vivace*

Em janeiro de 1891, a assistência a uma atuação de Richard Mühlfeld, clarinetista principal da então célebre Orquestra da Corte de Meiningen, despertava em Brahms um novo interesse pela sonoridade do instrumento, o que em breve, no verão de 1894, resultaria na composição da Sonata para Clarinete e Piano n.º 1, em Fá menor, op. 120 n.º 1. A peça foi apresentada pela primeira vez em setembro de 1894, numa audição privada dada para o Duque de Saxe-Meiningen e sua família, tendo-se seguido algumas revisões até à sua estreia pública, em Viena, a 7 de janeiro de 1895. A orquestração de Luciano Berio foi elaborada em 1986, em resposta a uma encomenda da Orquestra Filarmónica de Los Angeles, que a estreou nesse ano com a clarinetista Michele Zukovsky. Intitulada *Opus 120 Nr. 1*, esta versão é bastante fiel à composição original, excetuando a aposição de uma nova secção introdutória.

No primeiro andamento, *Allegro appassionato*, o primeiro tema tranquilo é enunciado pelo clarinete, que depois embeleza, com as suas figurações harpejadas, a intervenção da orquestra. É apresentado um segundo tema, sereno,

que na linha do baixo evoca o perfil do tema inicial. O desenvolvimento elabora o material antes ouvido, colocando em evidência a relação motivica entre os dois temas e passando por momentos surpreendentes em termos harmónicos. Após uma reexposição sintética, encerra com uma coda reflexiva. Segue-se um *Andante un poco adagio*, em Lá bemol maior, que se inicia com uma melodia simples e pungente no clarinete, sobre um acompanhamento igualmente despojado. A atmosfera sonhadora e resignada é perturbada por uma secção central algo mais agitada. O terceiro andamento, *Allegretto grazioso*, novamente em Lá bemol maior, oferece um contraste interessante, concebido como um rústico e delicado *Ländler*. O Trio central, em Fá menor, introduz um ambiente mais sombrio, explorando em particular o registo grave do clarinete. Por fim, o quarto andamento, *Vivace*, em Fá maior, é um alegre e afável rondó. O tema principal, assertivo e ligeiro, alterna com dois episódios contrastantes, um baseado numa nova ideia em tercinas e o outro no modo menor, mais tranquilo. Após uma coda, a sonata encerra numa atmosfera exuberante.

Pēteris Vasks

(n. Aizpute, 1946)

Agnus Dei

—

COMPOSIÇÃO 2000 / 2005

ESTREIA (orq.): Helsínquia, 9 de novembro de 2005

Pēteris Vasks é uma das figuras mais eminentes da cultura letã da atualidade. Depois de ter colaborado, enquanto contrabaixista, com várias orquestras do seu país, foi já em meados da década de 1970 que se inscreveu no Conservatório Estatal de Vilnius para estudar composição com Valentin Utkin. A sua atividade foi condicionada durante o período soviético, devido à natureza das suas convicções artísticas e religiosas (era filho de um pastor batista), e foi já durante a década de 1990 que a sua obra começou a adquirir um amplo reconhecimento internacional. Numa primeira fase, o seu estilo partiu dos modelos de Witold Lutosławski, Krzysztof Penderecki e George Crumb – em particular da sua experimentação aleatória –, começando depois também a recorrer a técnicas minimalistas e a incorporar elementos do folclore letão. A sua música, de grande clareza comunicativa, privilegia temas como a vida e a espiritualidade, ou a relação entre o Homem e a Natureza, bem como a sua biografia pessoal e a história recente do povo letão.

A música coral ocupa um lugar destacado na produção de Vasks, e também

neste campo o compositor procura consistentemente veicular os seus apelos. Composta originalmente em 2000, para coro misto *a cappella*, a sua *Missa* seria no ano seguinte adaptada numa versão para coro e órgão, e ainda, em 2005, numa versão para coro e orquestra de cordas, contando-se desde então entre as suas peças corais mais populares. Atraído pela liturgia latina, nesta obra Vasks procura deliberadamente explorar tanto o significado como a própria sonoridade das palavras, perfilhando a sua convicção de que a missão da música é transmitir valores espirituais que transcendem a dimensão secular.

O *Agnus Dei*, que encerra a obra, inicia-se com um acorde expectante nas cordas, sobre o qual as vozes enunciam as palavras “Agnus Dei” numa atmosfera contemplativa. Em “qui tollis peccata mundi” a música torna-se mais dramática e dissonante, e em “miserere nobis” retorna o ambiente expressivo e piedoso. O conjunto destas passagens é repetido uma e outra vez, culminando desta feita num momento particularmente dramático, que dá lugar às palavras “Dona nobis pacem”, reiteradas com serenidade.

Johannes Brahms

(1833-1897)

Sinfonia n.º 3, em Fá maior, op. 90

COMPOSIÇÃO 1883

ESTREIA Viena, 2 de dezembro de 1883

1. *Allegro con brio*
2. *Andante*
3. *Poco allegretto*
4. *Allegro*

O temperamento intensamente autocrítico de Brahms manifestava-se em particular na sua relação com a música orquestral e de câmara, domínios em que durante muito tempo viveu intimidado pela sombra de Beethoven, o paradigma que ansiava emular. As suas pretensões sinfónicas parecem ter sido estimuladas (e inibidas) ainda mais em 1853, com o artigo encomiástico em que Schumann o apresentava como o real sucessor de Beethoven. De facto, vários anos passariam até que o compositor sentisse realmente confiança para abordar o género sinfónico. A Sinfonia n.º 3, em Fá maior, op. 90, foi escrita no espaço de quatro meses, no verão de 1883, durante uma estadia em Wiesbaden, num estúdio com vista para o Reno. A estreia teria lugar a 2 de dezembro de 1883, com a Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direção de Hans Richter. Trabalhada com mestria, esta é uma obra representativa da sua maturidade, sendo caracterizada pela estrutura compacta e sofisticada, em termos temáticos e tonais.

O primeiro andamento, *Allegro con brio*, concebido em forma sonata, abre com um arrojado gesto cromático que inclui um motivo de três notas que reaparecerá

sob várias feições. O primeiro tema cita uma ideia apaixonada da Sinfonia n.º 3, *Renana*, de Schumann, dando lugar a uma atmosfera reflexiva e nostálgica. Num denso desenvolvimento, este segundo tema é reinterpretado com um carácter trágico, enquanto o primeiro surge agora entre o lírico e o monumental. Segue-se um *Andante*, em Dó maior, numa forma sonata modificada, marcado pelas suas melodias de cariz folclórico, bem como por um recorrente jogo de pergunta e resposta entre sopros e cordas. O terceiro andamento, *Poco allegretto*, em Dó menor, está estruturado numa forma ternária. A melodia melancólica apresentada inicialmente pelos violoncelos retornará mais tarde, após o jogo rítmico de uma secção contrastante, em Lá bemol maior. Por fim, o quarto andamento, *Allegro*, novamente numa forma sonata modificada, inicia-se vigorosamente em Fá menor, apresentando um primeiro tema mais ansioso e um segundo tema aparentemente mais despreocupado, até que a turbulência encontra resolução numa coda que retoma Fá maior, ecoando uma última vez a ideia melódica de Schumann.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Lorenzo Viotti

Em 2021/22, Lorenzo Viotti completou a sua primeira temporada como Maestro Principal da Orquestra Filarmónica e da Ópera Nacional dos Países Baixos, em Amsterdão. Para além da direção de muitos concertos em 2022/23, destaque-se uma nova produção de *Thaïs* de Massenet, no Scala de Milão, e *Tosca*, de Puccini, na Ópera Nacional dos Países Baixos. Na última década, Lorenzo Viotti afirmou-se como maestro de topo a nível internacional. Desde o repertório clássico ao contemporâneo, dirigiu numerosos concertos sinfónicos, corais-sinfónicos e ópera, incluindo: *Romeu e Julieta* de Gounod (Scala de Milão e Fundação Gulbenkian), *Manon Lescaut* de Puccini (Ópera de Frankfurt), *Rigoletto* de Verdi (Staatsoper Stuttgart e Semperoper Dresden), *Werther* de Massenet (Ópera de Frankfurt e Ópera de Zurique), *Tosca* de Puccini (Ópera de Frankfurt e Novo Teatro Nacional de Tóquio) e *Carmen* de Bizet (Staatsoper Hamburg e Ópera Nacional de Paris). Lorenzo Viotti dirigiu já muitas das principais orquestras a nível mundial. Em 2015 despertou a atenção internacional ao vencer o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*. Em 2013 tinha já vencido o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR. Em 2017 recebeu o *International Opera Newcomer Award*. Foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 2018 e 2021, sendo atualmente Maestro Convidado Principal. Estreou-se nos EUA com a Orquestra de Cleveland e no Canadá com a Sinfónica de Montreal. Natural de Lausanne, na Suíça, nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo inicialmente sido percussionista da Filarmónica de Viena. Estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar.

Andreas Ottensamer

Andreas Ottensamer nasceu em Viena em 1989. Descende de uma família de músicos austro-húngara que incentivou o seu talento musical desde muito cedo. Iniciou-se no piano aos quatro anos de idade e aos dez começou a estudar violoncelo na Universität für Musik und darstellende Kunst Wien, tendo mudado para o clarinete em 2003. Em 2009 interrompeu os seus estudos em Harvard para ingressar na Academia de Orquestra da Filarmónica de Berlim. Andreas Ottensamer apresenta-se como solista nas principais salas de concertos em todo o mundo. Partilhou o palco com grandes orquestras e com maestros de renome como Mariss Jansons, Simon Rattle, Andris Nelsons, Yannick Nézet-Séguin, Alan Gilbert e Lorenzo Viotti. Em 2019 estreou-se no Carnegie Hall de Nova Iorque e em janeiro de 2020 interpretou o Concerto para Clarinete de Mozart na Semana Mozart de Salzburgo. No domínio da música de câmara, as suas parcerias artísticas incluem colaborações com Yuja Wang, Seong-Jin Cho, Lisa Batiashvili, Patricia Kopatchinskaja, Philippe Jaroussky, Gautier Capuçon e Sol Gabetta. É diretor artístico do Bürgenstock Festival, na Suíça. Em fevereiro de 2013, começou a gravar para a Deutsche Grammophon, tornando-se então no primeiro clarinetista solista a assinar um contrato de exclusividade com esta editora. Para o álbum *Blue Hour*, que inclui obras de Weber, Mendelssohn e Brahms, colaborou com o maestro Mariss Jansons e a Filarmónica de Berlim, tendo recebido o seu segundo prémio *Opus Klassik* como “Instrumentista do Ano”. Gravou o Trio op. 114 de Brahms, com a pianista Yuja Wang e o violoncelista Gautier Capuçon, álbum lançado em setembro de 2022. Desde março de 2011, é clarinetista principal da Orquestra Filarmónica de Berlim.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio.

Coro Gulbenkian

SOPRANOS

Ariana Russo
Beatriz Ventura
Carla Frias
Claire Santos
Daniela Matos
Filipa Passos
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Sara Afonso
Susana Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Inês Martins
Joana Esteves
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Marta Queirós
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares

TENORES

Aníbal Coutinho
Dinis Rodrigues
Francisco Cortes
Gerson Coelho
Jaime Bacharel
João Pedro Afonso
João Custódio
Jorge Leiria
Nuno Raimundo
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão

BAIXOS

Afonso Moreira
Diogo Ferreira
Filipe Leal
João Costa
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bórras
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Daniele Pascoletti CONCERTINO PRINCIPAL*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
David Ascensão
Flávia Marques
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Teresa Pinheiro*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Cecília Branco 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Camille Bughin
Juan Maggiorani
Francisca Fins
Miguel Simões
Félix Duarte
Asilkan Pargana

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
Leonor Braga Santos 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian
Albert Payà
João Dinis
Precília Diamantino
Mariana Moreira
Milan Radocaj*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo
Hugo Paiva
Gonçalo Lelis

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
João Lobo
Francisca Sá Machado*
Vanessa Lima*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia País 1º SOLISTA
Amália Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
Edgar Silva 2º SOLISTA*

Orquestra Gulbenkian

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Daniel Mota 1º SOLISTA*

Álvaro Machado 2º SOLISTA*

TROMPAS

Kenneth Best 1º SOLISTA

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antónia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Fábio Cachão

Pedro Canhoto

Inês Nunes

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

600 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Outubro 2022

